



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

16374 - Resumo Expandido - Trabalho - XXVII Encontro de Pesquisa Educacional do Nordeste – Reunião Científica Regional – ANPEd Nordeste (2024)

ISSN: 2595-7945

GT08 - Formação de Professores

INDUÇÃO PROFISSIONAL DE PROFESSORES NUMA PERSPECTIVA COLABORATIVA: INICIANTES E EXPERIENTES IMERSOS NA DOCÊNCIA

Maria Joselma do Nascimento Franco - UFPE - Universidade Federal de Pernambuco

Ray-Lla Walleska Santos Ferreira Gouveia - UFPE/CAMPUS AGRESTE - UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO

## **INDUÇÃO PROFISSIONAL DE PROFESSORES NUMA PERSPECTIVA COLABORATIVA: INICIANTES E EXPERIENTES IMERSOS NA DOCÊNCIA**

---

### **1 INTRODUÇÃO**

Compreendendo a necessidade de pensar cada vez mais sobre os processos formativos pelos quais professores iniciantes são submetidos, assim como os elementos que compõem seus fazeres cotidianos e a própria inserção destes nas redes de ensino, partimos das contribuições de uma pesquisa maior intitulada “Casos de Ensino com professores iniciantes: Caminhos de imersão na docência e desenvolvimento profissional” que buscou compreendê-los enquanto estratégias contributivas para a imersão na docência, em específico, com professores/as iniciantes da rede municipal de ensino de Caruaru-PE.

A referida pesquisa de mestrado trouxe encaminhamentos que sinalizaram dentre outros eixos, a reflexividade, a coletividade e a cooperação entre professores como imprescindíveis para o seu fazer. Deste modo, apresentamos no presente texto uma síntese dos achados da referida pesquisa, mas também, encaminhamentos contemplados na nova pesquisa de doutorado que vem se desenvolvendo enquanto desdobramento destes estudos. Em primeiro lugar, cabe-nos situar os conceitos pelos quais não abrimos mão e que nos trazem até aqui, na busca pela compreensão do que seria então a indução profissional e por sua vez, o

que esta envolve.

Entendemo-la enquanto processo não estanque, mas contínuo; não prescrito, mas que pode ser reinventado pelos próprios professores, considerando suas demandas reais. A indução profissional se dá num período de descobertas, de efervescências e afirmações profissionais, em que professores em início de carreira estão iniciando suas atividades, mesmo em meio aos desafios sob os quais precisam agir, sobreviver, intervir, ensinar, dentre outras ações nem sempre de simples assimilação. (Schön, 1987; Huberman, 1989; Veenman, 1984).

A indução que concebemos, é entendida enquanto percurso de desenvolvimento específico que precisa se dar entrelaçado ao exercício profissional. Este pode variar quanto à estrutura e duração, tendo como foco a socialização das aprendizagens que acontecem no contexto da escola, possibilitando o exercício mediado entre os conhecimentos adquiridos ao longo da formação profissional de nível superior e a prática que é mobilizada na escola. (Carlos Marcelo, 2011; Gallego-Domínguez, Garcia e Estepa, 2019; Franco, Gouveia, Silva e Silva 2024).

O conjunto de autores com os quais dialogamos ressaltam que ao compreendermos assim a indução docente, estamos considerando a possibilidade de que esta, enquanto meio de apropriação por parte do professor do desempenho exigido para o exercício da docência, seja uma importante ferramenta para a continuidade de seu desenvolvimento profissional, haja vista que apenas a formação inicial não dá conta dos desafios que envolvem o seu fazer.

Neste caminho, atrelado ao conceito de indução profissional, articulamos a imersão na docência enquanto conceito complementar que indica um mergulho profundo nos elementos próprios da profissão (Gouveia, 2020), partindo da consideração de que é possível que um professor esteja inserido em uma rede, mas não imerso nesta. Em outras palavras, é possível que um professor recém-chegado até desempenhe suas atividades de modo regular na escola, mas o como estas práticas ocorrerão dependerá também da maneira em que este esteja imerso na cultura escolar, na comunidade e no contexto em que atua.

Ademais, se a docência não se faz sozinha, esta imersão tampouco pode ser provocada apenas pelo desejo do próprio professor recém-chegado. Por esta razão, defendemo-la enquanto mergulho e aderência à profissão por meio do qual professores iniciantes e experientes podem, em articulação, tomar ciência de elementos que fazem parte de seu fazer e não apenas mobilizá-los sem refletir; de maneira tal que os elementos mobilizadores das diferentes aprendizagens, inclusive consigo mesmos, sejam contemplados, de maneira coletiva e colaborativa, afinal não há saber mais ou menos, como nos afirmou Freire (2019),

então a experiência pode favorecer os recém-chegados, assim como o entusiasmo destes pode reavivar aqueles experientes que por alguma razão, já sentem o reflexo dos diferentes desafios que a profissão docente abarca, numa dimensão recíproca de aprendizagem.

Estar imerso na docência, nessa perspectiva, vai além de iniciar a atuação na escola, tampouco ela significa passar anos e anos atuando, sem apreensão dos sentidos que a profissão envolve. Assim, reafirmamos a urgência de se olhar para os que chegam, a fim de promover apoio necessário, de tal modo que este possa reverberar também naqueles que já atuam em sala de aula, de maneira colaborativa, partilhada e consistente, ampliando possibilidades formativas e transformando a cultura de trabalho sob a qual à docência está situada.

Neste texto, traremos dados da pesquisa de mestrado mencionada que tomou casos de ensino (Mizukami, 2000; Rocha; Domingues; Mizukami; Santos; 2020) enquanto percurso teórico-metodológico, da articulação entre a indução e a imersão destes professores, por meio de uma experiência interventiva e formativa que se deu com os professores iniciantes. A pesquisa foi desenvolvida pela via dos grupos de discussão (Weller, 2010), meio pelo qual os diálogos em torno dos casos foram mobilizados e por conseguinte, os dados produzidos com os professores foram analisados pela via da análise de conteúdo (Moraes, 1999).

Como desdobramento desta pesquisa, agora na fase do doutorado, novas possibilidades vêm sendo pensadas enquanto encaminhamentos que partem dos “achados” obtidos na primeira pesquisa. Esta, em desenvolvimento, tratará da articulação iniciante-experiente enquanto meio fortalecedor dos embates que se dão no período de inserção profissional, como antídoto às inseguranças e a solidão evidenciada pelos iniciantes em diferentes contextos.

A seguir, apresentamos os “achados” de nossas análises, assim como as ausências percebidas, sempre na articulação entre a indução e a imersão profissional pela via dos casos de ensino, assim como apresentamos os encaminhamentos desta segunda pesquisa, numa outra propositura formativa para com estes professores em atuação, sendo agora mobilizada com iniciantes e experientes.

## **2 DESENVOLVIMENTO DE PROFESSORES INICIANTES POR UMA VIA COLABORATIVA: CAMINHAR JUNTO É MELHOR...**

Ao defendermos a indução enquanto caminho essencial para a aprendizagem profissional, assumimos a compreensão de que os primeiros anos da docência são cruciais para que este professor se desenvolva de modo consciente e crítico. Ao ser inserido numa rede sem nenhum tipo de auxílio, ao ser responsabilizado mediante os mais diferentes desafios de maneira solitária e sem

apoio, um professor pode experimentar já de início, um ambiente hostil, desagradável e fragmentado.

Pensando nisto, ao ouvirmos os professores iniciantes em nossa primeira pesquisa, que teve como intuito mobilizar a imersão na docência pela via dos casos de ensino, vimos que os mesmos possuem a compreensão de que a colaboração é um caminho para fortalecimento da identidade do professor. Ao apresentarem suas elaborações, os professores evidenciaram que têm a compreensão da importância de seus pares em seu processo de construção profissional. Vejamos o depoimento do professor iniciante a seguir:

Eu penso que os professores iniciantes têm uma necessidade muito grande de ter o apoio dos professores que já tem uma carreira consolidada, que já tem aquela experiência, então eu acho que o acolhimento, o estar aberto ao diálogo, aberto a atender as demandas desse professor iniciante, [...] porque assim, me senti bem acolhida, acolhida que eu falo também no momento de exercer o meu trabalho em sala de aula. Eu questionei muito, eu tirei muitas dúvidas sobre como era que eu poderia fazer certas coisas. Mas para que eu pudesse fazer isso eu precisei sentir que o acolhimento era recíproco, eu não senti resistências de jeito nenhum. [...]. Então o que eu indicaria para os futuros iniciantes como nós era que fosse discutido isso, essa necessidade e essa importância de os professores com experiência poderem ajudar de forma possível aqueles que estão chegando, porque isso é um aprendizado que eu vou levar para mim. Como eu fui muito bem recebida, quando eu tiver a oportunidade de ser a que tem experiência e que está recebendo esses colegas iniciantes. Porque do mesmo jeito que foi importante para mim e graças a Deus eu tive a sorte de ter encontrado essas pessoas que me acolheram, muito dispostas a me ajudar, eu quero ser isso quando chegar a minha vez. (MV, 4ª Sessão da pesquisa).

Nas expressões do participante MV, é perceptível seu contentamento por haver encontrado em sua trajetória inicial, professores experientes que o auxiliaram nessa chegada à escola. O acolhimento tão mencionado, é um dos pilares que temos discutido ser necessários aos processos de indução profissional, consideradas as inquietações e anseios desse período tão desafiador que é a chegada à escola. Como apresenta Zeichner (1997), o desenvolvimento do/a professor/a que chega não é responsabilidade exclusiva e individual dele próprio. Ao contrário, é preciso cuidado e atenção para que a escola e todos os indivíduos presentes estejam engajados, contribuindo para as aprendizagens de forma colaborativa.

Vemos ainda no depoimento do professor que, o acolhimento recebido se torna também característica e posicionamento a ser adotado por este. A medida em que apreende estas atitudes e expressa o desejo de fazê-las reverberar em seus fazeres futuros, quando for a sua vez de ser o experiente, ampliando a cultura do apoio e da cooperação e propagando-a enquanto meio de desenvolvimento profissional para com todos os envolvidos no processo. Essa postura reafirma que não nascemos professores, mas nos tornamos, à medida em que aprendemos, trocamos, erramos e assim, vamos nos constituindo profissionalmente com base nos princípios éticos, humanos, tão necessários em nossos fazeres.

Quando estes princípios são experimentados, há possibilidades de que estes ultrapassem as dimensões individuais de maneira espontânea e voluntária, como podemos ver no extrato a seguir:

Nós dos anos iniciais, tanto como os do infantil, tentamos de alguma forma ajudar um ao outro, principalmente na questão dos alunos. [...] As professoras do segundo se juntam comigo, a gente vai vendo as atividades e tenta dar algum apoio, ver a questão dos materiais e a gente consegue, eu acho que se fosse sozinha eu não conseguiria, porque junto a gente vai pensando e aí consegue. Sem esse apoio, eu não conseguiria. (MG, 1ª sessão da pesquisa).

Nas expressões acima, vemos outros elementos necessários à indução dos iniciantes. A ajuda mútua, o desejo de contribuir com seu par desde as práticas iniciais, reconhecendo assim que ambos podem se auxiliar mediante os desafios referentes aos estudantes e sua aprendizagem são exemplos destes. Também fica nítido nas expressões do participante, que o mesmo compreende que sozinho seria mais difícil conseguir concluir suas atividades, pensar possibilidades e recursos para realização de suas aulas, o que reafirma a sua consideração pelo outro em seu processo profissional.

Esse movimento retoma a dimensão humana por vezes esquecida nas práticas que se desenvolvem na escola, dadas as demandas e exigências que são postas para que professores executem. De acordo com Mesquita, Formosinho e Machado (2012), é preciso pensar mais nos processos, do que nos produtos de aprendizagem uma vez que estes podem, redirecionar o trabalho pedagógico e reconfigurar as culturas organizacionais na escola, encaminhando novos percursos colaborativos. A respeito disto, vejamos mais um depoimento:

[...] é nessa questão do pouco tempo que o professor tem que a gente precisa criar formas de se encontrar, seja no momento do cafezinho, as trocas de experiências precisam acontecer. É importante estar sempre partilhando ideias, recursos didáticos, materiais didáticos para colocar em prática são momentos em que a gente se preocupa com esse desenvolvimento profissional não só o nosso, mas também o do colega, não é? (ME, 2ª Sessão da pesquisa).

No excerto acima se vê mais uma vez a relevância do coletivo, do par, do professor companheiro, seja este também iniciante ou experiente na caminhada docente. Ao afirmar que reconhece a importância das partilhas e demonstrar preocupação com o desenvolvimento profissional do outro e não apenas o seu, o professor denota um compromisso social, ético e sensível para com a docência, uma postura de acolhimento tanto de si, quanto de seus pares, em uma profissão que é eminentemente coletiva. O reconhecimento dessa coletividade enquanto eixo do fazer docente é fundamental, uma compreensão que rompe com a lógica competitiva imposta pelas concepções hegemônicas presentes na escola e na vida.

A consideração da coletividade também pôde ser percebida nos depoimentos de outro participante, como trecho que segue. Nele, vemos não apenas a estima

por outro professor, par, colega de profissão, mas também, dos demais integrantes da comunidade escolar e do ambiente de atuação:

Sobre a coletividade sabe o que eu acho? Se a escola não for coletiva a gente não chega a lugar nenhum. E isso vai dos professores, dos alunos, das famílias, dos funcionários da limpeza e todos. Se a gente trabalhar na coletividade a gente vai colher lá na frente. (MV, 1ª Sessão da pesquisa).

No trecho acima, podemos ver uma riqueza no que se refere à aprendizagem profissional docente, que contraria os sistemas de individualização e hierarquização desequilibrada que por vezes invade a escola. Em suas palavras, o professor iniciante participante afirma que a escola precisa ser coletiva. Ou seja, não é apenas na sua sala que a coletividade precisa aparecer; esta há de ser eixo nas ações em geral, abarcando todos os indivíduos que se fazem envolvidos na cultura escolar.

Mediante aos diálogos mobilizados ao longo da pesquisa, foi possível compreender que embora nem sempre tomada enquanto meio de auxílio mediado e de acolhimento à professores iniciantes, (Cruz et al (2022), a indução profissional de professores é um caminho pelo qual elementos humanos e não apenas aspectos da prática propriamente dita são mobilizados, o que pode favorecer para o engajamento de suas carreiras.

Por esta razão, em continuidade à nossa pesquisa de Mestrado, investigamos no doutorado a relação iniciante-experiente de maneira focal, inquietando-nos a respeito dos percursos formativos específicos que os envolvem e como estes vêm sendo pensados. Como acolhê-los? Como chegar até estes de modo respeitoso e não invasivo, integrando-os nos processos e movimentos de indução sem subalternizar um ou outro? Na pesquisa em andamento, estamos estudando acerca de outras possibilidades de formação que não apenas integrem os iniciantes e experientes, mas os mobilize e os possibilite a reflexão sobre acolhimento e o pleno exercício mediado de suas atividades.

Com estes encaminhamentos, seguimos trabalhando na pesquisa a fim de ouvir estes professores, tomando como base as ausências identificadas na trajetória de desenvolvimento profissional evidenciadas pela pesquisa de mestrado, que apontou dentre outros questionamentos: Que outras estratégias de imersão e acolhimento de professores/as iniciantes vêm sendo pensadas no Brasil que podem se efetivar nos diferentes contextos de atuação? Que políticas de formação e desenvolvimento profissional podem ser pensadas tomando a imersão de iniciantes-experientes como eixo? Finalizamos, enfatizando portanto, a necessidade de que sejam pensadas novas possibilidades de formação engendrada na prática articuladora entre iniciantes-experientes, numa perspectiva emancipatória e sobre estas nos debruçamos.

### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS: POR UMA IMERSÃO COLETIVA NA DOCÊNCIA

A fim de responder ao nosso questionamento inicial acerca do que seria a indução profissional, enquanto processo que favorece a inserção do professor iniciante, defendemo-la enquanto percurso imersivo e amplo, envolto por diferentes experiências. Este precisa abarcar, para além de saberes fundamentais ao exercício profissional e às práticas comuns à docência, princípios éticos e humanos que contribuam para o desenvolvimento profissional destes professores, sendo a coletividade um caminho para o exercício da empatia, das partilhas, seja dentre os próprios iniciantes, como também nas parcerias iniciantes-experientes.

Esta defesa se torna essencial, pois pensar na continuidade da carreira docente exige envolver não apenas iniciantes, mas experientes também, que por diferentes tensões e motivos, se veem por vezes pressionados a desistir da carreira profissional a qual escolheram seguir. Pelos depoimentos dos professores ao longo da pesquisa, pôde-se perceber que é no coletivo que eles se formam, fortalecendo-se mutuamente e superando desafios por meio da reflexividade, da coletividade e da cooperação, sendo estes, eixos impulsionadores das trocas, da escuta e do acolhimento que os professores mobilizam e recebem.

Este caminho coletivo, portanto, é um meio viável de aprendizagem profissional em que a imersão na docência é mobilizada e efetivamente vivenciada enquanto práxis, na qual se entrelaçam saberes, complexidades, práticas, afetos, entre outros elementos de vida e profissão, num viés respeitoso e humano sob o qual pensamos então que a indução precisa se efetivar.

#### REFERÊNCIAS

CRUZ, G. B. da, Costa, E. C. dos S., Paiva, M. M. de S., & Abreu, T. B. de. (2022). Indução docente em revisão: Sentidos concorrentes e práticas prevaletentes. **Cadernos de Pesquisa**, 52, Artigo e09072. <https://doi.org/10.1590/198053149072>

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa** 58º ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2019.

FRANCO, M. J. N.; GOUVEIA, R. W. S. F.; SILVA, M. B.; SILVA, M. B. Narrativas de professores iniciantes no contexto do Agreste de Pernambuco: indução profissional em foco. **Revista Eletrônica de Educação**, v.18, 1-20, e6460012, jan./dez. 2024.

GALLEGO-DOMÍNGUEZ, C.; MARCELO GARCÍA, C.; MURILLO-ESTEPA, P. Além das Discussões Online: aspectos cognitivos, sociais e de formação no processo de indução docente. **Currículo sem Fronteiras**, v. 19, n. 1, p. 97-112, jan./abr. 2019. Disponível em: <http://www.curriculosemfronteiras.org/vol19iss1articles/rabelo.pdf>.

HUBERMAN, M. Les phases de la carrière enseignante. **Revue Française de Pédagogie**, n. 86, p. 5-10, 1989.

MARCELO, Carlos. **Políticas de inserción en la docencia: de eslabón perdido a**

**ponte para el desarrollo profesional docente.** Santiago: Preal, 2011.

MESQUITA, E.; FORMOSINHO, J.; MACHADO, J. (2009) Individualismo e colaboração dos professores em situação de formação. In **Atas do VII Simpósio de Organização e Gestão Escolar**. Aveiro: Departamento de Educação, Universidade de Aveiro.

MIZUKAMI, M. da G. N. Casos de ensino e aprendizagem profissional da docência. In: Anete Abramowicz; Roseli Rodrigues de Mello. (Org.). **Educação: pesquisa e prática**. 1ed. Campinas: Papirus, 2000, v. 1, p. 139-161.

MORAES, R. Análise de Conteúdo. **Revista Educação**, Porto Alegre, n. 37, 1999. [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4125089/mod\\_resource/content/1/RoqueMora1999.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4125089/mod_resource/content/1/RoqueMora1999.pdf).

ROCHA; S. A.; DOMINGUES; I. M. C. S.; MIZUKAMI, M. da G. N.; SANTOS, I. R. Teaching Cases as an investigative-training strategy in the Parfor internship. **Research Notebooks**, São Paulo, v. 50, no. 176, p.575-591, Apr./Jun.2020.

SCHON, D. A. **Educating the reflective practioner**. San Francisco: Jossey-Bass Publishing, 1987.

VEENMAN, S. Perceived problems of beginning teachers. **Review of Educational Research**, v. 52, n. 2, p. 143-178, 1984.

ZEICHNER, Kenneth. Novos caminhos para o practicum: uma perspectiva para os anos 90. In: NÓVOA, António. (Org.). **Os professores e sua formação**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1997.